

O PROJECTO PAIVAR, UM PLANO DE INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA DE ÂMBITO REGIONAL

António Manuel S. P. Silva*

ABSTRACT: The PAIVAR project aims the archaeological study of an area located between the rivers Paiva and Arda, an inner region of Aveiro's district, about 50 km SW. from Oporto.

In the central area of study, known as Arouca's valley, archaeological excavations have been carried on in three sites: Valinbas, an Iron Age oppidum with occupation until the 12th century; Malafaia, a little farm dating from the 4th to the 7th centuries, and Cividade, a Late Bronze Age settlement. Archaeological surveying – mainly focused on roman/medieval roads – and other actions are also included in the project.

The research project was designed for 2002 to 2005, has a team of ten archaeologists and counts with the main financial support of the Portuguese Institut for Archaeology.

199

O acrónimo PAIVAR designa o projecto intitulado *Entre Paiva e Arda: projecto arqueológico para o estudo da ocupação humana de um vale interior do Entre Douro e Vouga da Proto-história aos começos da Nacionalidade.*

Este projecto, dinamizado pelo Centro de Arqueologia de Arouca¹ sob a coordenação científica do signatário, decorre entre os anos de 2002 e 2005 e reúne uma equipa de dez investigadores, com três consultores especializados,² se bem que o projecto esteja aberto à participação de outros colaboradores. O PAIVAR teve financiamento aprovado pelo

* Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Coordenador do projecto de investigação PAIVAR (Centro de Arqueologia de Arouca).

¹ O Centro de Arqueologia de Arouca, é uma associação de defesa do património fundada em Arouca em 1984 (Estatutos D.R. 3ª S., 196, de 27-8-1985) cujo âmbito de trabalho é a região do Entre Douro e Vouga.

² Ver Anexo final.

Instituto Português de Arqueologia, no âmbito do concurso do Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos de 2002³, apoio financeiro que deverá constituir cerca de 85% das receitas do projecto.

1. Objectivos e metodologia

O PAIVAR visa promover o estudo diacrónico da ocupação humana da região compreendida entre os rios Paiva e Arda entre a proto-história e os começos da Nacionalidade. Aqueles dois cursos de água, de significativa importância regional, definem um dos mais interessantes vales interiores da área do Entre Douro e Vouga litoral, delimitado a Sul pelo Maciço da Gralheira e a Nascente pelas faldas do Montemuro (Fig. 1). Como área de intervenção mais directa, no que toca designadamente a acções de escavação arqueológica, o projecto incide na pesquisa sobre a ocupação do Vale de Arouca, tomando por base três estações arqueológicas que distam umas das outras menos de 4 km: o Castro de Valinhas/Castelo de Arouca, com ocupação entre o Bronze Final e o séc. XII; o habitat da Malafaia, com ocupação atribuível aos séculos V-VII e o povoado da Cividade, com vestígios que apontam para uma ocupação datável pelo menos do Bronze Final.

O estudo articulado destas três estações permitirá potenciar os resultados das campanhas de escavação arqueológica que têm vindo a ser realizadas em duas delas, o Castro de Valinhas (desde 1988) e o casal da Malafaia (desde 1995), permitindo uma visão de conjunto mais completa sobre a ocupação do vale de Arouca até ao período da Reconquista Cristã e da fundação da Nacionalidade, tendo em conta que no castro de Valinhas se implantou um castelo roqueiro que se tornaria em cabeça da Terra de Arouca.

Mas se o projecto tem uma área nuclear de intervenção, o vale de Arouca (Fig. 1), prioritária para prospecção e realização de escavações arqueológicas, pretende-se ainda abranger uma área de médio alcance, situada entre o Paiva e o Arda, onde as acções a efectuar se concentram especialmente em trabalhos de prospecção arqueológica e estudo de materiais inéditos. Considerando, por outro lado, que o estudo do povoamento num particular ecossistema deve ser articulado com a compreensão

³ O presente texto baseia-se, nas suas linhas gerais, no texto do projecto original que fundamentou a candidatura ao PNTA de 2002.

dos mesmos fenómenos a uma escala regional, o PAIVAR pretende manter em horizonte de análise a área do Entre Douro e Vouga litoral (Fig. 1), designadamente através de acções de prospecção pontual e pela reavaliação crítica de espólios inéditos e dados relacionados com outras estações arqueológicas das mesmas cronologias. Muito naturalmente, está também prevista a articulação e troca de informações com outros projectos de investigação arqueológica em curso na área, como sejam os relativos ao estudo do Cabeço do Vouga (Águeda) e romanização do Baixo Vouga⁴, ao Castro de Ovil, Espinho⁵ e ao Povoado da Torre, Aveiro⁶.

No plano cronológico-cultural, podemos dizer que o período em apreço, caracterizado pela longa duração, propõe a análise de pelo menos quatro grandes segmentos temporais aparentemente marcados pela descontinuidade, seja a nível cultural, seja nos planos político-administrativo, económico-social ou outros. Esses "momentos-ruptura" são os do Bronze Final (emergência dos povoados fortificados de altura), a Romanização (processo de aculturação), o final do Império (dissolução das estruturas político-administrativas e outras) e a Reconquista Cristã e posterior estabelecimento das estruturas administrativas da Nacionalidade

As estações arqueológicas previstas para intervenção evidenciam ocupação em todos aqueles momentos, pretendendo também tomar-se como linha orientadora de pesquisas para o período compreendido entre a Romanização e a Idade Média a da reconstituição dos traçados viários conhecidos na área, a partir de fontes documentais, toponímicas e outros vestígios registados (Quadro I).

Quadro I

	Bronze Final	Conquista/ Romanização	Final do Império/ Alta Idade Média	Reconquista/ Nacionalidade
VALINHAS				
CIVIDADE				
MALAFIAIA				
Estrutura viária				

Desta forma, com os resultados dos trabalhos de campo programados e o recurso à informação arqueológica disponível, pretende-se na conclusão do projecto elaborar uma síntese minimamente fundamentada das

⁴ Coordenado por Fernando A. Pereira da Silva (Câmara Municipal de Águeda).

⁵ Coordenado por Jorge Salvador (Câmara Municipal de Espinho), em colaboração connosco.

⁶ Coordenado por Alexandre Sarrazola e Inês Mendes da Silva (Era Arqueologia, Lda.).

grandes linhas de ocupação do vale de Arouca no período considerado, devidamente informada com dados de outras estações à escala regional. Para lograr estes resultados, o projecto perseguirá um conjunto de objectivos estratégicos, assentes em metodologias adequadas e condições de financiamento estáveis, que passam pelas seguintes acções:

- a) prossecução de intervenções arqueológicas já em curso em duas estações: Valinhas e Malafaia;
- b) realização de sondagens arqueológicas numa estação não intervencionada, o povoado da Cidade, de incontornável significado no contexto da ocupação do vale;
- c) realização de estudos arqueométricos (designadamente com materiais cerâmicos e metálicos), de antracologia, palinologia, datações por radiocarbono e outros, com amostras recolhidas nas escavações a efectuar ou procedentes de outras intervenções da área desde que devidamente contextualizadas arqueologicamente;



Fig. 1 - Área abrangida pelo projecto PAIVAR, com delimitação da Área Nuclear (A), do Contexto Local (B) e do Contexto Regional (C). Base cartográfica: Carta Hipsométrica de Portugal. Escala 1:600 000. I. G.C., 1982. Esc. aprox. 1:900 000.

- d) realização de trabalhos de prospecção em áreas de maior potencial ou menos reconhecidas arqueologicamente;
- e) estudo e eventual tratamento elementar de algumas colecções museológicas existentes na região que se revelem de excepcional interesse para os objectivos do projecto.

Podemos dizer, em conclusão, que a concepção metodológica do projecto prevê uma abordagem regional em três graus de incidência (Fig. 1) e de acordo com uma tripla tipologia de acções, como pode ver-se no Quadro II.

Quadro II ⁷

Escavação/ sondagem			
Prospecção arqueológica			
Estudo de colecções/ reavaliação de dados			

2. O estado da investigação, um breve ponto da situação

2.1. A macro-escala: a região do Entre Douro e Vouga litoral

A região do Entre Douro e Vouga nunca se salientou no panorama da investigação arqueológica portuguesa sobre a proto-história e a romanização pela abundância de escavações e outras pesquisas de campo, sendo também relativamente escassos os estudos de carácter regional ou de problematização mais conceptual.

Até meados do século XX, os achados mais relevantes ou as raras iniciativas de escavação arqueológica levadas a efeito em sítios daquela cronologia foram noticiados de forma relativamente sumária, como sucedeu com as primeiras intervenções no importante castro de Fiães, Feira (Correia 1925), ou diluídas como antecedentes históricos em monografias

⁷ A concentração do sombreado equivale à maior intensidade e prioridade das acções em cada uma das zonas. Ver a Fig. 1 para o zonamento indicado.

locais, casos da escavação realizada pelo Museu Municipal do Porto no castro de Ossela (Oliveira de Azeméis), uma das primeiras escavações arqueológicas realizadas na região (VV.AA. 1909), das pesquisas na necrópole de Gulpilhares, Vila Nova de Gaia (Fortes 1909), ou dos trabalhos e achados no Monte Murado, V. N. Gaia (Araújo 1920), em Romariz, Feira (Santos 1940), ou Sardoura, Castelo de Paiva (Pinho 1947). Pontuais, lacunares e de pendor historicista eram na maior parte dos casos os estudos de sítio (Souto 1930, Madahil 1941), enquanto o achado de objectos metálicos avulsos, depósitos ou tesouros proto-históricos foi também objecto de notícias mais ou menos desenvolvidas (Vasconcelos 1896, Fortes 1907, Brandão 1962, 1963), mas usualmente sem grandes esforços interpretativos ou enquadramento geográfico, à semelhança da distribuição e caracterização das estações, que só episodicamente eram abordadas numa perspectiva regional (Pereira 1907, Souto 1942) ou de inventariação sistemática (Almeida 1946), num e noutra caso com muito pouca base documental de natureza arqueológica.

Os trabalhos arqueológicos modernos foram nesta região inaugurados, pode dizer-se, com as escavações de Carlos Alberto Ferreira de Almeida no castro de Fiães (Almeida; Santos 1971, 1972), a que se seguiriam novas intervenções nos povoados de Romariz (Silva, A.C.; Centeno 1982, Silva, A. C. 1986), Cristelo, Albergaria-a-Velha (Vaz 1982a, 1982b, 1983), Castelo de Gaia (Silva, A.C. 1984), Ul, Oliveira de Azeméis (Marques 1989), Baiza, Vila Nova de Gaia (Sá; Paiva 1994a) e Valinhas, Arouca (Silva, A. M. 1995; Silva; Ribeiro 1999). Mais recentemente ainda foram retomadas as escavações arqueológicas no castro de Ovil, Espinho (Ferreira; Silva 1984, 1985; Salvador 1992; Silva, A. M.; Salvador 2000; Salvador; Silva, no prelo; Silva, A. M.; Salvador, no prelo) e no importante povoado do Cabeço do Vouga, Águeda (Pereira da Silva 2000; s.d.), mais que provável assento da *Talabriga* das fontes clássicas (Lopes 2000b), ao mesmo tempo que trabalhos de minimização do impacte negativo de diversas obras permitiam recomeçar pesquisas no Castelo de Gaia (Carvalho; Fortuna 2000) e revelavam a importante estação romana da Marinha Baixa, associada ao povoado da Torre/Cacia, em Aveiro (Sarrazola et al. 2001).

Na esteira de algumas perspectivas de análise regional apresentadas para a margem sul do Douro (Silva, A. C. 1983, 1984, 1986) e para a bacia do Vouga (Souto 1942), estas últimas, compreensivelmente, a carecer de profunda revisão, temos vindo a intentar reunir e sistematizar criticamen-

te os dados disponíveis para a proto-história e romanização do Entre Douro e Vouga (Silva, A. M. 1993b, 1994, 1997b, 1999, no prelo-a; Silva; Ribeiro 2002), para o que é de relevar o contributo dos inventários e levantamentos de escala municipal (Silva, A. M. 1988, 1993a, 1997a, no prelo-b; Pereira da Silva 1995; Almeida; Fernandes 2001; Queiroga 2001). O recenseamento das estações castrejas do Entre Douro e Vouga litoral conta presentemente com cerca de três dezenas e meia de povoados desta tipologia confirmados por dados arqueológicos ou reconhecidos com base em elementos toponímicos ou características topográficas que considerámos seguras. As dificuldades suscitadas por uma tão vasta área de trabalho e outros factores específicos da região (Silva, A. M. 1994) não permitem ainda, todavia, que se considere encerrada qualquer área geográfica de prospecção, aguardando reconhecimento ou verificação mais detalhada outros locais com indícios muito plausíveis de existência de povoados proto-históricos.

O pequeno número de castros com escavação arqueológica no Entre Douro e Vouga não possibilita para já a reunião de muitos elementos sobre a sua organização e arquitectura. Na verdade, apenas de dois dos povoados, os castros de Ovil (Espinho) e Romariz (Feira), se conhecem plantas gerais publicadas⁸, enquanto que de mais uma dezena de estações onde foram realizadas acções arqueológicas apenas dispomos de registos localizados de núcleos habitacionais ou alinhamentos de paredes relativamente avulsos. De igual modo, apenas destas duas estações se encontra já publicada uma parte minimamente significativa do espólio resultante das escavações aí efectuadas.

Tendo em conta estas limitações, podemos ainda assim enunciar, em traços necessariamente muito largos, algumas das principais problemáticas e questões em aberto que decorrem de uma perspectiva evolutiva no plano regional.

A primeira fase da designada "cultura castreja" – para utilizar uma expressão tradicional cujo conteúdo não interessa agora discutir (Silva, A. M. 1997a: 34) – aparece associada a um conjunto de achados metálicos e de ourivesaria correlacionáveis com a riqueza mineralógica da região, principalmente em jazidas de chumbo, cobre e estanho, mas também com ocorrências de ouro e prata em áreas mais a Norte. Tais achados referem-

⁸ Bastante mais completa, em função da extensão da área escavada, a de Romariz (Silva, A.C. 1986) que a de Ovil (Silva; Salvador no prelo).

se à localização ocasional de depósitos ou peças isoladas, destacando-se nestas últimas os machados de bronze, de talão ou alvado (Brandão 1962; Monteagudo 1977; Silva, A.C. 1986) e, no campo da ourivesaria, o achado do torques de Vale da Malhada, Sever do Vouga (Fortes 1907; Silva, A.C. 1986:236). Um provável depósito de fundidor encontrado nas imediações de um povoado localizado em Vila Cova de Perrinho, Vale de Cambra (Brandão 1963; Queiroga 2001) incluía duas lâminas de punhal, dois machados de talão de um só anel e um com duplo anel, um machado de alvado, dois escopros e ainda fragmentos de um bracelete, de uma pulseira canelada e do que viria posteriormente a ser identificado como um capacete de crista (Coffyn 1983, 1985, Silva, A.C. 1986), materiais que Coffyn (1983) considerou provavelmente anteriores ao depósito da Ría de Huelva, propondo para o achado do Perrinho uma datação entre 900 e 850 a.C. Um pouco mais a Sul, no sopé do castro de Ossela, Oliveira de Azeméis, foi achado um tesouro de 15 braceletes em ouro (Vasconcelos 1896; Silva, A.C. 1986: 240,255), testemunhando o dinamismo da ourivesaria indígena nesta fase da proto-história.

O fenómeno de "encastelamento", como o designou J. Alarcão (1992a), ou de instalação das comunidades em habitats de altura, por vezes fortificados ou dotados de estruturas de delimitação perimetral, a partir do Bronze Final, parece obter comprovação na nossa região, através dos povoados de S. Julião (Albergaria-a-Velha), Alvarenga, Cividade (Arouca) e outros, sendo possível contudo admitir, em momento talvez um tanto anterior, a coexistência de povoados de altura com povoados abertos, como desde há muito foi verificado a Norte do Douro (Jorge 1986). Para isso podem apontar os casos do Castelo de Cedrim, Sever do Vouga (Bettencourt 1988), S. Julião, Albergaria-a-Velha (Silva; Pereira da Silva 1995) e Fontela de Figueirido, Castelo de Paiva (Cunha 1991). Os contextos sepulcrais associáveis a esta fase do povoamento parecem, à luz dos dados disponíveis, relacionar-se quer com os pequenos *tumuli* funerários de tradição megalítica, que têm vindo a ser estudados na região (Pereira da Silva 1994; 1997a; 1997b), quer com eventuais necrópoles de fossas, como a "redescoberta" estação do Rossio, Vale de Cambra parece exemplificar (Silva, A. M. 2000; Queiroga 2001).

De uma fase plena da Idade do Ferro possuímos pouca informação. Apenas no castro de Romariz e no Castelo de Gaia, de forma vestigial, se detectaram níveis estratigráficos da ocupação de meados do I milénio a.C. (Silva, A.C. 1984; 1986). É essencialmente a partir do século II a.C. que a

arquitectura mais comum do habitat castrejo e o ordenamento proto-urbano dos povoados mais se revelam na nossa área, pertencendo a esse período a quase totalidade das estruturas exumadas em melhor estado de conservação nos castros de Romariz, Ovil, Ul (Oliveira de Azeméis), Baiza, Monte Murado (V. N. Gaia) e Valinhas (Arouca).

O apogeu desta estrutura de povoamento indígena nesta fase de progressiva romanização, potenciada por fortes movimentações comerciais no Baixo Douro, como documenta por exemplo o material anfórico (Sá; Paiva 1994b), e certamente por dinamismos similares no estuário do Vouga, ligados aqui provavelmente ao escoamento fluvial e marítimo dos recursos minerais ou do sal, poderá ter tido contraponto num reordenamento territorial que Augusto mais que iniciar terá porventura culminado, e que terá passado pelo eventual agrupamento em povoados de implantação estratégica, reunindo condições para uma capitalidade plurifuncional (Alarcão 1992b), de pequenos castros litorais ou interiores. Algumas destas estações, limitadas pela exiguidade do espaço onde se radicaram e impossibilitadas por isso de aceder aos padrões urbanísticos que modelavam entretanto as novas formas de habitar, parecem, ter sido abandonados no séc. I^o, ou, pelo contrário, terem sofrido um processo de marginalização em relação aos contextos sociais mais ricos e desenvolvidos.

Rondam já a meia centena os locais com vestígios romanos identificados no Entre Douro e Vouga (Alarcão 1988; Silva, A. M. 1993b, 1994, 1997b, no prelo-b; Almeida; Fernandes 2001; Queiroga 2001), distribuídos por povoados indígenas com indícios claros de romanização e outros locais de habitat, necrópoles ou sepulturas isoladas, fornos cerâmicos, vestígios de mineração e ainda outros locais com vestígios de ocupação indeterminados, a que teríamos de acrescentar, para um quadro global da romanização da região, os restos dos traçados viários e os achados epigráficos e numismáticos.

Não é ainda possível evidenciar com clareza as transformações na distribuição e tipologia do habitat ou nas estratégias de ocupação e exploração do território decorrentes do domínio romano na nossa região, uma vez que ao número já elevado de vestígios de ocupação romana detectados faltam normalmente detalhes de caracterização e indicadores cronológicos

⁹ Referimo-nos, por exemplo aos castros de Ovil, Baiza ou até, proventura de Sandim, em Vila Nova de Gaia (Silva, A. M. 1994; no prelo-a).

seguros. Parece fora de dúvida, porém, que o povoamento de época romana faz-se, pelo menos numa primeira fase, na sequência da ocupação indígena pré-existente, sendo nos povoados da Idade do Ferro que primeiro e de forma mais notória se sentem os reflexos do influxo romanizador.

Não temos muitos elementos para avaliar as eventuais alterações que o contacto romano terá implicado na estruturação geral dos povoados, uma vez que no único castro com planta geral levantada, o de Romariz (Silva, A.C. 1986) a escavação em área foi feita há mais de meio século e sem o competente registo estratigráfico, pelo que resulta difícil a classificação cronológica das habitações. Já a nível da arquitectura doméstica, é possível constatar um conjunto de modificações que reflectem sem dúvida o gosto e os conhecimentos técnicos da romanidade. Trata-se da adopção generalizada das plantas ortogonais, do uso da tegula para as coberturas e da aplicação de rebocos no interior das paredes de algumas habitações, elementos bem documentados em qualquer um dos grandes povoados ocupados no século I, como o Monte Murado, Romariz ou Cabeço do Vouga (Águeda).

Entre as restantes estações localizadas estão os fornos cerâmicos, estruturas de cronologia normalmente duvidosa, pela grande perduração que tiveram. No forno da Ribeirinha, em Eixo (Aveiro), utilizado para fabricar cerâmica industrial, os elementos recolhidos permitiram sugerir uma datação em torno dos séculos VI-VII (Almeida, C. et al. 1987; Almeida; Fernandes 2001:39); no do Paranho (Vila Nova de Gaia), pelo contrário, a preservação entre os restos das últimas cozeduras, igualmente de telha, de fragmentos de cerâmica cinzenta fina, com paralelos bem conhecidos na área, permitiu apontar uma cronologia de meados do séc. I (Silva, A.C. et al. 1984). As actividades extractivas estão documentadas ainda de forma pontual mas significativa. Trata-se do aparecimento de algumas lucernas e outros materiais de labor mineiro nas galerias da Malhada, Sever do Vouga (Albuquerque e Castro 1946), e da descoberta de uma armadilha fixa de pesca em Paramos, Espinho, estrutura que pôde ser datada pelo C14, fornecendo valores que apontam para a sua utilização entre os séculos I e II (Alves et al. 1989).

A localização das necrópoles conhecidas sugere uma polarização em dois núcleos, um no Baixo Douro, constituído pelos cemitérios gaienses do Monte Murado, Alto da Vela e Sameiro; um segundo grupo concentrado na

foz do Paiva, que integra essencialmente as necrópoles de Folgoso, Campo da Torre, Vales, Valbeirô, Valdemides, todas no concelho de Castelo de Paiva, a que devemos juntar, por proximidade, o cemitério arouquense de Alvariça, em Espiunca, de onde é proveniente um notável conjunto epigráfico (Brandão 1962b; 1987; Silva; Ribeiro 2002). O rito inumatório, a tipologia e a cronologia de todas estas necrópoles levantam questões extremamente interessantes, cuja análise é essencial para compreender os ritmos e modalidades da vivência desta região durante o período do domínio de Roma (Silva A. M. 1994; Dias 1994; Silva; Ribeiro 2002; Abreu 2002).

Por fim, destaquem-se ainda os importantes e actualizados estudos sobre a temática da viação romana de Vasco Mantas (1996) e Luis Seabra Lopes (2000a, com remissão para trabalhos anteriores do A.). Os achados epigráficos e numismáticos romanos da região encontram-se compilados, com alguma apreciação crítica, em trabalhos gerais de nossa responsabilidade (Silva, A. M. 1994; 1997b), merecendo nota de realce, no que concerne à circulação monetária, a recente descoberta do tesouro do Reguengo, em Arouca (Marques et al. 2002).

No que respeita à ocupação de toda esta região entre a Alta Idade Média e o período da Reconquista, é muita escassa a informação arqueológica disponível, salientando-se os dados sobre a ocupação tardia de alguns castros, como os de Fiães, Santa Maria da Feira, ou Valinhas, Arouca. As escavações em curso nos sítios da Marinha Baixa, Aveiro (Sarrazola et al. 2001) e da Malafaiá, Arouca (Silva, A. M., no prelo-b) constituem, a este propósito, uma boa oportunidade para iluminar uma época sobre a qual tão pouco se sabe, encontrando-se a indústria cerâmica ilustrada, pelo menos, pelo já citado forno de Eixo. O tema dos castelos encontra contributo de relevo no importante estudo de A. Lima sobre a castelologia do *territorio Anegia* (Lima 1993; 1999), que na área abrangida pelo projecto PAIVAR interessa aos concelhos de Arouca e Castelo de Paiva. Para a problemática da viação medieva são também de muito interesse os trabalhos de L. Seabra Lopes (em especial Lopes 1994).

2.2. A micro-escala: o vale de Arouca, entre os rios Paiva e Arda

A recente execução da Carta Arqueológica do Concelho de Arouca, trabalho que coordenámos e no qual colaboraram diversos investigadores do

PAIVAR (Silva, A.M., no prelo-b) proporcionou excelente oportunidade para uma revisão de conjunto da informação disponível e das questões em aberto relacionadas com a diacronia da ocupação humana na área nuclear do projecto.

Considerando os diferentes momentos cronológico-culturais estruturantes do projecto: Bronze Final, Romanização, Antiguidade Tardia e Reconquista Cristã, encontram-se no espaço objectual do Entre Paiva e Arda diversas estações cujo estudo pode permitir uma compreensão integrada das formas e modalidades da progressiva antropização do vale, desde os finais da pré-história.

O Bronze Final está representado em diversos povoados de altura, que vão desde o monte do Senhor dos Aflitos (Alvarenga) até à Cidade (Urrô/Roças) e S. João de Valinhas (Santa Eulália), se bem que nesta última estação as ocorrências de materiais desta época, essencialmente cerâmicas, não se encontrem por enquanto em contextos estratigráficos homogêneos (Silva, A. M.; Ribeiro 1999).

A romanização parece ser nesta área um fenómeno relativamente tardio, conforme temos vindo a salientar (Silva, A. M. 1993b; 1994; no prelo-b), devendo encontrar-se no castro de Valinhas, eventual "lugar central" desde a Idade do Ferro (Silva, A. C. 1998), um dos polos fundamentais para a sua interpretação. Se bem que os níveis alti-imperiais de Valinhas só recentemente tenham sido objecto de intervenção, os primeiros indícios da articulação entre a cultura material romana e a indígena parecem muito sugestivos.

A ocupação tardo-imperial que parece ter sido bastante significativa em Valinhas, a avaliar pelas ruínas de diversos edifícios que foram detectadas, pode ter tido "continuidade" cronológica no habitat rural suevo-visigótico da Malafaia (Várzea), objecto de sondagens arqueológicas desde 1995 (Silva, A. M., no prelo-b), devendo analisar-se, entre outros aspectos, a sua autonomia como casal de produção agrícola ou eventual relação com o sítio romano da Venda Nova (Tropeço) que lhe fica pouco distante. Outros sítios arqueológicos identificados, como o do Bacelo, em Moldes, poderão igualmente corresponder a locais de habitat desta época. Para a compreensão deste período é legítimo ainda esperarem-se algumas surpresas das sondagens arqueológicas previstas para o Mosteiro de Arouca¹⁰, que

¹⁰ Projecto em curso no quadro dos trabalhos de requalificação daquele imóvel classificado, sob a égide do IPPAR.

poderão vir a contextualizar o tesouro numismático provavelmente de inícios do séc. V achado nas proximidades (Silva, A. M. 1990).

Finalmente, vários castelos roqueiros dos séculos da Reconquista documentam a actividade bélica ou a instabilidade desta zona charneira num primeiro momento de fronteira. Estão reconhecidas estações desta tipologia em Carvalhais, Alvarenga, controlando um meandro do Paiva, no Monte Coruto (Escariz), sobre um antigo eixo viário de provável ascendência romana e também no topo rochoso de Valinhas.

No castelo de Valinhas, erigido porventura entre os séculos X-XI, vêem-se entalhes e desbastes na penedia granítica, bem como silhares dispersos da cerca defensiva. Do derrube das construções e porventura da torre que a pequena fortificação terá possuído é proveniente uma potente camada de blocos que chega a atingir mais de um metro de espessura. A grande abundância de fragmentos de recipientes cerâmicos (Silva; Ribeiro, no prelo) e de objectos em ferro dá conta de uma ocupação expressiva e demorada, que terá tido o seu termo provavelmente entre a 2^a metade do séc. XII e os inícios do séc. XIII (Silva; Ribeiro 1999).

Num pequeno colo a Nascente do castelo, a área onde se situavam alguns edifícios de época tardo-romana terá sido em tempos medievais reutilizada para a instalação de uma oficina de metalurgia do ferro, provavelmente associada à fortificação, da qual foram já reconhecidos restos de pelo menos um forno de redução e um volumoso escorial associado (Silva, A. M. et al. 2000).

A questão da viação romana/medieval foi recentemente objecto de análise detalhada, com bastantes dados inéditos, por parte de A. C. Lima (no prelo), tendo por base quer referências toponímicas e da documentação medieval, quer algumas observações de campo. Identificaram-se designadamente vários eixos viários, como a *Carraria Antiqua*, com orientação aproximada de Noroeste para Sudeste, a "Estrada dos Almocreves", a velha via que ligava Viseu ao Porto, e uma outra via que cruzava o vale de Arouca em sentido aproximado Nascente/Poente. Elementos estruturantes do povoamento antigo ou reflexos, tão-só, dessa malha humanizada, estes vestígios arqueológicos estão sujeitos a grande pressão e riscos, quer em função dos novos usos e funções do espaço habitado (re-emparcelamentos, urbanização, novas vias, etc.), quer pela natural, mas crescente, erosão da tradição local, pelo que o projecto prevê um particular esforço de prospecção dirigido a este género de vestígios arqueológicos.

3. Programa de trabalhos, calendarização e meios mobilizados

3.1. Programa de trabalhos

O programa envolverá, como já foi explicitado, diferentes componentes, relacionadas essencialmente com as seguintes acções: (1) sondagens e escavações arqueológicas; (2) trabalhos de prospecção arqueológica de superfície; e (3) acções de identificação, selecção e estudo de colecções museológicas, para além da reavaliação da informação disponível sobre diversas estações e achados da região.

3.1.1. Acções de sondagem/escavação arqueológica

Não sendo exequível a escavação alargada de muitos povoados ou outras estações, atentos os meios disponíveis e as questões de conservação daí decorrentes, as intervenções programadas incidem sobretudo em estações já em curso de intervenção, Valinhas e Malafaia, devendo limitar-se as realizadas na Cividade a sondagens com vista a obter cortes estratigráficos representativos da respectiva ocupação. Deste modo, as acções de sondagem/escavação arqueológica previstas estão a ser desenvolvidas nas seguintes estações, todas situadas no Concelho de Arouca:

- a) Valinhas (Santa Eulália): importante castro romanizado e local de implantação de um castelo roqueiro que desde os finais do séc. XI seria "cabeça de terra" de Arouca. Em curso de escavação desde 1988 apresenta ocupação desde o Bronze Final até ao período medieval, o que faz da estação um sítio privilegiado para abordagens de longa duração.
- b) Malafaia (Várzea): "habitat" (provavelmente um casal agrícola) que desde 1995 vem sendo objecto de uma intervenção, inicialmente com carácter de emergência, dados os riscos que pendiam sobre o sítio. Apresenta ocupação tardo-romana e alti-medieval que poderá estender-se até aos séculos VII-VIII.
- c) Cividade (Roças/Urrô): povoado de altura, com grande dominância visual e controle efectivo sobre o acesso ao alvéolo arouquense. Os vestígios detectados limitam-se a algumas cerâmicas atribuíveis ao Bronze Final e ao que parece ser o talude de uma muralha, interessando muito por isso a realização de sondagens que permitam uma melhor caracterização da cronologia e natureza do sítio.

3.1.2. Acções de prospecção de superfície

Num projecto de natureza territorial, entendemos como indispensável a realização de trabalhos de prospecção de superfície, tendo por objectivo a detecção e caracterização de novas estações que possam completar ou esclarecer a cartografia do povoamento humano nos diferentes períodos em observação.

Esta necessidade é tanto mais notória quanto se trata de uma região relativamente vasta e existem diversas "bolsas" subregionais nas quais a carência de investigações é mais assinalável, conhecendo-se por isso poucas estações (como sucede, por exemplo, em largas áreas dos Concelhos de Vale de Cambra, Sever do Vouga, Castelo de Paiva ou Santa Maria da Feira).

Naturalmente, a planificação destas acções, de forma adequada aos meios disponíveis, seguirá uma prioridade decrescente em função das diferentes zonas abrangidas pelo projecto: primeiro a área nuclear do vale de Arouca, seguidamente a região compreendida entre os dois afluentes do Douro, o Paiva e o Arda (onde a prospecção é indispensável para a reconstituição dos traçados viários) e só depois o contexto regional do Entre Douro e Vouga.

213

3.1.3. Acções de estudo de colecções museológicas e reavaliação da informação disponível sobre diversas estações e achados da região

Existindo em diversos museus e colecções regionais ou particulares, alguns materiais arqueológicos de grande interesse para o projecto (por exemplo o Museu de Aveiro, o Museu Regional de Oliveira de Azeméis, o Museu da Feira, os Museus de Arouca e Vale de Cambra, etc.) entendemos como muito recomendável a consideração destes espólios, mesmo estando na maior parte dos casos descontextualizados.

3.2. Calendarização e meios mobilizados

O Quadro III seguinte apresenta a calendarização geral do projecto, enquanto no Quadro IV se exhibe a calendarização particular para as acções de escavação ou sondagem arqueológica.

Quadro III
Cronograma geral das principais acções a desenvolver

Acções	2002	2003	2004	2005
Escavações/sondagens arqueológicas				
Prospecção de superfície				
Estudo de peças/colecções museus e particulares				
Relatórios de Progresso				
Relatório Final				

Quadro IV
Cronograma das sondagens e escavações arqueológicas

Estações	2002	2003	2004	2005
Castro de Valinhas/Castelo de Arouca				
Povoado da Cidade				
Habitat tardo-romano/alti-medieval da Malafaia				

O orçamento global do projecto é de cerca de 76 300 Euros, dos quais cerca de 85% resultam do contrato de financiamento assinado com o Instituto Português de Arqueologia. Conta-se com apoios locais, designadamente da Câmara Municipal de Arouca, para suprir a parte não coberta pelo patrocínio daquele instituto. Esta verba destina-se na sua maior parte (70%) a despesas relacionadas com deslocações, alimentação e estadia das equipas envolvidas nas campanhas de escavação arqueológica, uma vez que todo o trabalho é voluntário e gratuito por parte dos investigadores e outros colaboradores. São também de grande importância os apoios logísticos do Centro de Arqueologia de Arouca, Câmara Municipal e outras entidades locais.

Desta forma, o projecto PAIVAR, que aqui se apresentou em linhas gerais, poderá constituir um estímulo apreciável para o desenvolvimento da investigação arqueológica numa região muito carenciada a este propósito, proporcionando novos dados e o levantamento de novas questões sobre a ocupação humana do Entre Douro e Vouga num lapso de tempo extremamente vasto de mais de dois milénios.

BIBLIOGRAFIA

- Abreu, João M. F. (2002) – *Necrópoles romanas do território português*. Porto: Fac. Letras Univ. Porto. Dissert. Mestr. Texto policop.
- Alarcão, Jorge de (1988) – *Roman Portugal. Vol. II. Gazetteer. Fasc. 2*. Warminster: Aris & Phillips
- Alarcão, Jorge de (1992a) – "A evolução da cultura castreja". *Conimbriga*. 31. Coimbra, p. 39-71
- Alarcão, Jorge de (1992b) – "A Cidade Romana em Portugal. A formação de "Lugares Centrais" em Portugal, da Idade do Ferro à Romanização". In VV.AA. – *Cidades e História. Ciclo de Conferências...* Lisboa: Fund. Cal. Gulb., p. 35-64
- Albuquerque e Castro, Luis (1946) – "Um achado romano – Lucernas". *Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro*. 2 (2). Lisboa, p. 108-10
- Almeida, Carlos A. B. [et al.] (1987) – "O Forno Cerâmico Romano de Eixo – Aveiro". *Portugalia*. Nova Série. 8. Porto, p. 69-72
- Almeida, Carlos A. B; Fernandes, Francisco C. (2001) – *Carta Arqueológica do Concelho de Aveiro*. Aveiro: C. M. Aveiro
- Almeida, Carlos A. F.; Santos, Eugénio dos (1971) – "O Castro de Fiães". *Rev. da Faculdade de Letras – História*. 2. Porto, p.147-68
- Almeida, Carlos A. F.; Santos, Eugénio dos (1972) – "O Castro de Fiães (II)". *Rev. da Faculdade de Letras – História*. 3. Porto, p. 207-14
- Almeida, João de (1946) – *Roteiro dos monumentos militares portugueses*. 2. Lisboa, p. 9-97
- Alves, Francisco J. S. [et al.] (1989) – "A armadilha de pesca da época romana descoberta na praia de Silvalde, (Espinho)". *O Arqueólogo Português*. Série 4. 6/7 (1988-1989). Lisboa, p.187-226
- Araújo, José R. (1920) – *Perosinho: apontamentos para a sua monographia* [reimp. Porto: Bibliot. Pública de Perosinho, 1980]
- Bettencourt, Ana M. (1988) – "Os vasos tronco-cónicos da estação arqueológica do Castelo - Sever do Vouga". *Arqueologia*. 18. Porto, p. 99-104
- Brandão, Domingos P. (1962a) – "Achados soltos de cobre e bronze no concelho de Arouca". *Studium Generale*. 9 (1). Porto, p. 85-93
- Brandão, Domingos P. (1962b) – "A epigrafia latina do concelho de Arouca e alguns dos seus problemas". *Studium Generale*. 9 (1). Porto, p. 313-8
- Brandão, Domingos P. (1963) – "Achado da «época do Bronze» de Vila Cova de Perrinho, Vale de Cambra". *Lucerna*. 3. Porto, p. 114-8

- Brandão, Domingos P. (1987) – "Oito inscrições latinas funerárias do concelho de Arouca". In *Actas das I Jornadas de História e Arqueologia do Concelho de Arouca*. Arouca: C.M.A./C.A.A., p. 107-13
- Carvalho, Teresa P.; Fortuna, Jorge (2000) – "Muralha romana descoberta no Castelo de Gaia". *Al-Madan*. 9. Almada, p. 158-62
- Coffyn, André (1983) – "La fin de l'ge du Bronze dans le centre-Portugal". *O Arqueólogo Português*, Série. 1. Lisboa, p. 169-96
- Coffyn, André (1985) – *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*. Paris: Diff. de Boccard
- Correia, A. A. Mendes (1925) – "Nótulas arqueológicas. Estação luso-romana em Fiães". *Revista de Estudos Históricos*. 2. Porto, p. 89-97
- Cunha, Ana L. (1991) – "Intervenção de emergência efectuada no lugar de Fontela de Figueirido, Sardoura, Castelo de Paiva (Relatório de 1988/89)". *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 31. Porto, p. 199-216
- Ferreira, Carlos J.; Silva, Maria A. (1984) – "Distrito de Aveiro. Espinho. Castro de Ovil". *Informação Arqueológica*. 4. Lisboa, p. 41-3
- Ferreira, Carlos J.; Silva, Maria A. (1985) – "Espinho: Castro de Ovil". *Informação Arqueológica*. 5. Lisboa, p. 38-9
- Fortes, José (1907) – *Duas joias arcaicas*. Sep. "Portvgalia". T. 2. Fasc. 3. Porto
- Fortes, José (1909) – "Gaya no passado". In Arroyo, António [et al] – *Mea Villa de Gaya*. Porto, pág. 9-28
- Jorge, Susana O. (1986) – *Povoados da pré-história recente da região de Chaves-Vª Pª de Aguiar*. Porto: I.A.F.L.U.P.
- Lima, António C. (1993) – *Castelos medievais do curso terminal do Douro (Séc. IX-XII)*. Porto: Fac. Letras Univ. Porto. 2 Vol. Dissert. Mestr. Texto policop.
- Lima, António C. (1999) – "O Território Anegia e a Organização Administrativa e Militar do Curso Terminal do Douro (Séc. IX – XII)". In Barroca, M. J. [coord.] – *Carlos Alberto Ferreira de Almeida. In Memoriam*. 1. Porto: Fac. Let. Univ. Porto, p. 399-413
- Lima, António C. (no prelo) – "Arouca medieval: breve abordagem arqueológica". In Silva, António M. [coord.] – *Memórias da Terra. Património Arqueológico do Concelho de Arouca*. Arouca, no prelo
- Lopes, Luis S. (1994) – "De Portugal a Coimbra pela Estrada Mourisca". *Estudos Aveirenses*. 3. Aveiro, p. 79-110
- Lopes, Luis S. (2000a) – "A Estrada Emínio-Talábriga-Cale. Relações com a geografia e o povoamento de Entre Douro e Mondego". *Conimbriga*. 39. Coimbra, p. 191-258

- Lopes, Luis S. (2000b) – "Tentativa de sistematização da historiografia de Talábriga". *Al-Madan*. 2ª Série. 9. Almada, p. 28-38
- Madahil, António R. (1941) – *Estação luso-romana do Cabeço do Vouga. I. Terraço subjacente à Ermida do Espírito Santo ou da Vitória*. Sep. "Arquivo do Distrito de Aveiro". 7. Aveiro
- Mantas, Vasco G. (1996) – *A rede viária romana da faixa atlântica entre Lisboa e Braga*. Coimbra: Fac. Let. Univ. Coimbra. 2 Vol. Tese de Doutoramento. Texto policop.
- Marques, José A. M. (1989) – "Escavações no Castro de Ul (Oliveira de Azeméis). Primeira Notícia". *Revista de Ciências Históricas*. 4. Porto: Univ. Portucalense, p. 65-89
- Marques, Miguel; Marques, F.; Argüello, J.; Silva, A. M. (2002) – "O tesouro numismático romano do Reguengo (Arouca). Primeira notícia". *Al-Madan*. 11. Almada, p. 243-4
- Martins, Manuela (1990) – *O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado*. "Cadernos de Arqueologia/Monografias". 5. Braga: U.A.U.M.
- Monteagudo, Luis (1977) – *Die Beile auf der Iberischen Halbinsel*. ["Prähistorische Bronzefunde". Abteilung 9 (6)]. München: C.H.Beck'sche Verlagsbuchhandlung
- Pereira, Félix A. (1907) – "Geographia protohistorica da Lusitania. Situação conjectural de Talabriga". *O Archeologo Portugues*. 12. Lisboa, p.129-58
- Pereira da Silva, Fernando A. (1994) – "Túmulos do Centro-Norte Litoral. Prolegómenos a uma periodização". *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 2, Lisboa, p. 9-33
- Pereira da Silva, Fernando A. (1995) – "Contributo para a carta arqueológica do concelho de Oliveira de Azeméis. Da pré-história à romanização". *Ul-Vária. Arquivo de Estudos Regionais*. 2 (1-2). Oliveira de Azeméis, p. 9-52
- Pereira da Silva, Fernando A. (1997a) – "Problemática em torno do megalitismo do Centro-Norte Litoral de Portugal". In Rodríguez Casal, A. (ed.) – *O Neolítico Atlântico e as orixes do Megalitismo. Actas do Coloquio Internacional...* Santiago de Compostela, p. 635-56
- Pereira da Silva, Fernando A. (1997b) – "Contextos funerários da Idade do Bronze nos planaltos centrais do Centro-Norte Litoral português: tradição ou inovação?". In Balbín Berhmann, R.; Bueno Ramírez, P. (eds.) – *2º Congreso de Arqueología Peninsular. Tomo 2 - Neolítico, Calcolítico y Bronce*. Zamora: Fund. Rei Afonso Henriques, p. 605-20

Pereira da Silva, Fernando A. (2000) – "Estação arqueológica do Cabeço do Vouga". *Boletim Municipal de Águeda*. 6. Águeda, p. 21-3

Pereira da Silva, Fernando A. (s.d.) – *Estação arqueológica do Cabeço do Vouga: um olhar sobre o passado feito presente*. Águeda: C. M. Águeda

Pinho, Margarida R. M. (1947) – *Elementos para a história de Castelo de Paiva*. Coimbra, 1946-47 [reed. C. M. de Castelo de Paiva, 1991]

Queiroga, Francisco M. (2001) – *Inventário patrimonial de Vale de Cambra. I – Arqueologia*. Vale de Cambra: C. M. V. C.

Sá, Manuel M.; Paiva, Maria B. (1994a) – "Para uma carta arqueológica do concelho de Vila Nova de Gaia. O Castro de Baiza (Avintes/Vilar de Andorinho, V. N. Gaia)". *Gaya*. 6. V. N. Gaia, p. 43-56

Sá, Manuel M.; Paiva, Maria B. (1994b) – "Notas sobre o comércio romano na bacia do Douro: as ânforas do Castelo de Gaia e Monte Murado". *Gaya*. 6. V. N. Gaia, p. 89-104

Salvador, Jorge F. (1992) – "O Castro de Ovil". *Boletim Municipal*. 3. Espinho, p. 14-5

Salvador, Jorge F.; Silva, António M. (no prelo) – "Castro de Ovil (Espinho): investigação, conservação e valorização". In *Actas do Colóquio sobre Gestão do Património Arqueológico (Póvoa de Varzim, 1999)*. Póvoa de Varzim: C.M.P.V.

Santos, Manuel F. (1940) – *A minha terra. Breves apontamentos sobre Romariz*. Porto [reedição do Pe R. Fontes, s/1, 1984]

Sarrazola, Alexandre [et al.] (2001) – "Intervenções arqueológicas na Marinha Baixa (Cacia/Aveiro). Resultados preliminares". *Era-arqueologia*. 3 (Julho 2001). Lisboa, p. 24-40

Silva, António Manuel S. P. (1988) – "Notas para o estudo do período castrejo-romano no concelho de Arouca". *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 28. Porto, p. 85-98

Silva, António Manuel S. P. (1990) – "Um pequeno tesouro monetário tardo-romano de Arouca (Aveiro)". *Nvmmus*. 2ª Série. 12/13. Porto, p. 29-38

Silva, António Manuel S. P. (1993a) – "Introdução ao estudo do povoamento castrejo-romano na região de Arouca". *Lucerna*. 2ª série. 3. Porto, p. 203-15

Silva, António Manuel S. P. (1993b) – "Ocupação proto-histórica e romana no Entre-Douro-e-Vouga Litoral: Breve balanço de uma investigação em curso". *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 33 (3-4). Porto, p. 427-43

Silva, António Manuel S. P. (1993c) – "O património arqueológico do Concelho de Arouca: balanço dos conhecimentos e perspectivas de valorização social". *Poligrafia*. 2. Arouca, p. 11-33

Silva, António Manuel S. P. (1994) – *Proto-história e Romanização no Entre Douro e Vouga Litoral. Elementos para uma avaliação crítica*. Porto: Fac. Letras da Univ. do Porto. Diss. Mestr. Texto policop.

Silva, António Manuel S. P. (1995) – "Escavações arqueológicas em S. João de Valinhas. Do primitivo castro ao castelo de Arouca". *Polígrafia*. 4. Arouca, p. 199-220

Silva, António Manuel S. P. (1997a) – "Povoados proto-históricos de Vale de Cambra. Elementos para uma carta arqueológica concelhia". *Boletim Cultural de Vale de Cambra*. 1. Vale de Cambra, p. 34-46

Silva, António Manuel S. P. (1997b) – "Achados numismáticos romanos do Entre Douro e Vouga Litoral – Contributo para um inventário crítico". *Nummus*. 2ª Série. 16-20. Porto, p. 205-30

Silva, António Manuel S. P. (1999) – "Aspectos territoriais da ocupação castreja na região do Entre Douro e Vouga". *Revista de Guimarães*. Vol. especial [Actas do Congresso de Proto-história Europeia, vol. 1]. Guimarães: Soc. Martins Sarmento, p. 403-29

Silva, António Manuel S. P. (2000) – "Achado arqueológico revela sepulturas com três mil anos". Vale de Cambra Hoje. *Jornal mensal da Vigararia de Vale de Cambra e Carregosa*, 6 (Jun. 2000). Vale de Cambra, p. 10

Silva, António Manuel S. P. (2002) – "O Castro de Salreu: um povoado indígena da Idade do Ferro. Nota arqueológica à margem de uma polémica". *O Jornal de Estarreja*. 4150 (22-02-2002). Estarreja, p. 3-4

Silva, António Manuel S. P. (no prelo-a) – "Novos elementos para a caracterização do habitat castrejo no litoral entre Douro e Vouga (Centro-Norte de Portugal)". In *Castrexos e Romanos no Noroeste. Colóquio de Homenaxe a Carlos Alberto Ferreira de Almeida (Santiago, 1998)*. Santiago

Silva, António Manuel S. P. [coord.] (no prelo-b) – *Memórias da Terra. Património Arqueológico do Concelho de Arouca*. Arouca: C.M.A.

Silva, António Manuel S. P.; Pereira da Silva, Fernando A. (1995) – "O Povoado de S. Julião (Branca, Albergaria-a-Velha, Aveiro)". In Silva, Isabel (coord.) – *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de poder*. Lisboa: I.P.M., p. 123

Silva, António M.; Salvador, Jorge (2000) – "Da descoberta do Castro de Ovil à criação de um gabinete de arqueologia". *Al-Madan*. 9. Almada, p. 169-73

Silva, António M.; Salvador, Jorge (no prelo) – "O Castro de Ovil (Espinho): um povoado proto-histórico do litoral a Sul do Douro". In *Actas do Colóquio Ora Marítima. Das Colunas de Hércules à Finisterra. (Póvoa de Varzim, 1997)*. Póvoa de Varzim: C.M.P.V.

Silva, António Manuel S. P.; Ribeiro, Manuela C. S. (1999) – "A intervenção arqueológica em S. João de Valinhas (Arouca, Aveiro). Do povoado castrejo ao castelo da Terra de Arouca". In *Carlos Alberto Ferreira de Almeida - In memoriam*. 2. Porto: F.L.U.P., p. 363-374

Silva, António Manuel S. P.; Ribeiro, Manuela C. S. (2002) – "A necrópole tardo-romana de Alvariça (Espunça, Arouca): algumas notas para uma revisão crítica". In *Actas do 1º Congresso da Diocese do Porto. Tempos e Lugares de Memória*. 1. Porto/Arouca, p. 523-42

Silva, António Manuel S. P.; Ribeiro, Manuela C. S. (no prelo) – "Cerâmicas medievais do Castelo de Arouca (Aveiro). Uma abordagem preliminar". In *Actas das 4ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval (Tondela, 2000)*. Tondela: C. M. Tondela

Silva, António Manuel S. P.; Argüello, J.; Cavalheiro, J.; Ribeiro, M. (2000) – "Elementos paleometalúrgicos do Castelo de Valinhas (Arouca, Portugal)". In *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Vol. 9 [Contributos das Ciências e das Tecnologias para a Arqueologia da Península Ibérica]. Porto: ADECAP, p. 173-97

Silva, Armando C. F. (1983) – "As *tesserae* do Castro da Senhora da Saúde ou Monte Murado (Pedroso, Vila Nova de Gaia). Contributo para o estudo das instituições e povoamento da Hispânia Antiga". *Gaya*. 1. V. N. Gaia, p. 9-26

Silva, Armando C. F. (1984) – "Aspectos da Proto-História e Romanização no Concelho de Vila Nova de Gaia e problemática do seu povoamento". *Gaya*. 2. V. N. Gaia, p. 39-58

Silva, Armando C. F. (1986) – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: C.M.P.F./M.A.C.S.

Silva, Armando C. F. (1995a) – "Portuguese castros: the evolution of the habitat and the proto-urbanization process". In Cunliffe, B.; Keay, S. (eds.) – *Social complexity and the development of towns in Iberia. From the Copper Age to the Second Century AD*. [Proceedings of the British Academy, 86]. Oxford: O.U.P., p. 263-89

Silva, Armando C. F. (1995b) – "A evolução do habitat castrejo e o processo de proto-urbanização no Noroeste de Portugal durante o I milénio a.C.". *Rev. Faculdade de Letras – História*. 2ª Série. 12. Porto, p. 505-46

Silva, Armando C. F. (1998) – *Citânia de Sanfins: uma capital castreja* [Catálogo de Exposição]. S.l.: C. M. Paços de Ferreira / M. N. Arqueologia

Silva, Armando C. F.; Centeno, Rui (1982) – "1ª Campanha de Escavações Arqueológicas no Castro de Romariz (Vila da Feira, Aveiro) - 1980. Notícia sumária". *Humanidades*. 1. Porto: F. L. U. P., p. 63-9

Silva, Armando C. F.; Lopes, António B.; Lobato, Maria J. (1984) – "O forno romano de Canelas (Vila Nova de Gaia)". *Gaya*. 2. V. N. Gaia, p. 59-72

Souto, Alberto (1930) – *A Estação Arqueológica de Cacia. I. Primeiras palavras; primeiras impressões*. Aveiro

Souto, Alberto (1942) – "Romanização no Baixo Vouga. Novo «oppidum» na zona de Talabriga". *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. 9 (4). Porto, p. 283-328

Vasconcelos, José L. (1896) – "Novo achado de braceletes pré-romanos". *O Archeologo Portugues*. 2. Lisboa, p. 86-8

Vaz, João I. (1982a) – "Primeira campanha de escavações em Cristelo da Branca". *Boletim da ADERAV*. 6. Aveiro, p. 26-30

Vaz, João I. (1982b) – "Primeira campanha de escavações em Cristelo da Branca" [cont.]. *Boletim da ADERAV*. 7. Aveiro, p. 2-14

Vaz, João I. (1983) – *Escavações no Cristelo da Branca. Breves notas*. Sep. "Munda". 5. Coimbra

VV.AA. (1909) – *Annaes do Municipio de Oliveira de Azemeis. Coordenados por um grupo de oliveirenses*. Porto: Chardron

ANEXO

Investigadores e consultores do PAIVAR (2003)

Coordenador

António Manuel S. P. SILVA

Lic. História /Var. Arqueologia; Mestre em Arqueologia (UP)

Investigadores associados

João Manuel F. ABREU

Lic. História /Var. Arqueologia; Mestre em Arqueologia (UP)

José Jorge ARGÜELLO MENÉNDEZ

Lic. História Univ. Oviedo; Doutorado História Medieval Univ. Oviedo

Alexandre Manuel R. BEITES

Lic. Arqueologia (UP)

Joana Nobre M. F. LEITE

Lic. História /Var. Arqueologia (UP)

222

Paulo André P. LEMOS

Lic. Ciências Históricas (UPIDH)

António M. Carvalho LIMA

Lic. História Var. Arqueologia; Mestre Arqueologia (UP)

Maria de Fátima T. MARQUES

Lic. História /Var. Arqueologia (UP)

Miguel F. Pereira MARQUES

Lic. História /Var. Arqueologia (UP)

Manuela C. S. RIBEIRO

Lic. História /Var. Arqueologia; Pós-graduada em Cerâmica Medieval (Univ. Barcelona); Mestranda em Arqueologia (UP)

Consultores Científicos

Prof. Doutor Armando Coelho Ferreira da Silva

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Prof. Doutor Mário Jorge Barroca

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Prof. Doutor José T. Cavalheiro

Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto